

SINTAXE, SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA DAS COMPARAÇÕES EMBLEMÁTICAS E ESTRUTURAS APARENTADAS

0. O português, como a generalidade das línguas, dispõe de tipos diversificados de estruturas comparativas.

Neste estudo, analisarei dimensões de ordem sintáctica, semântica e pragmática que informam poderosamente a configuração e o funcionamento de um tipo sem dúvida homogéneo de comparação enfática a que, por razões que se tornarão patentes ao longo da exposição, darei a designação de *comparação emblemática* ou de *comparação polar*. O corpus seguinte, que facilmente poderia ser alargado, ilustra esse tipo de comparação:

alto como uma torre; (branco + frio + puro) como a neve; branco como (a cal + a cera + o leite); brilhante como o sol; cheio como o ovo; (corajoso + valente + feroz) como um leão; magro como (um espeto + um palito + um cão); (mau + perigoso) como as cobras; pálido como um moribundo; pesado como chumbo; rápido como (o raio + a lebre); surdo como (uma porta + uma parede); teimoso como um burro; travesso como uma criança; velho como a Sé de Braga.

Dado que, como acima se escreveu e como já se pôde avaliar pelos exemplos apresentados, se trata de um tipo de comparação enfática, começarei por tecer algumas considerações sobre a noção de ênfase e, sobretudo, sobre o quadro que julgo adequado ao tratamento dos fenómenos enfáticos. A caracterização da comparação emblemática ou polar dará ocasião ao levantamento e à análise de diversas soluções sintáctico-semânticas que nela enraízam ou que para ela remetem, por envolverem ou suscitarem mecanismos enunciativos e interpretativos dela característicos.

1. Tem o sujeito falante uma noção intuitiva de *ênfase*, que genericamente associa ou amplamente faz convergir com a de «expressividade» no uso da língua. Dizer de um dado Enunciado que ele é enfático significa, na verdade, em termos correntes, reconhecer que nele se tornam perceptíveis ou notórios valores expressivos ou expressivo-apelativos que o afectam quer globalmente quer em algum ou alguns dos seus elementos constituintes.

Uma tal apresentação da ênfase é, sem dúvida, demasiado genérica. Nela caberá todo o domínio da chamada «linguagem afectiva», do mesmo modo que o vasto campo da metáfora e das outras figuras 'de retórica' ou 'de estilo', ou (numa formulação mais englobante) todos os fenómenos de «desvio» a padrões ou normas tidos como de uso «banal» da língua. Em boa verdade, porém, tal apresentação genérica está em sintonia com a intuição do falante, que em todos os domínios acabados de referir reconhece a presença de traços de «expressividade» que de algum modo sublinham, dão saliência ou relevo a um Enunciado ou a algum dos seus termos. Manifestam-se esses traços em variadíssimos aspectos da configuração dos produtos verbais, como sejam, entre tantos outros, selecção do léxico e de esquemas sintagmáticos, combinações «anómalas» de elementos lexicais, usos particulares de determinadas categorias gramaticais, exploração da matéria fónica (por reforço articulatorio, matizações de prosódia)...

Deixando-se embora apreender com relativa prontidão a um nível intuitivo e imediato, não é, porém, fácil dar da ênfase uma caracterização suficientemente rigorosa e explícita. Efectivamente, os seus contornos são algo fluidos e movediços, pondo à partida uma questão central — a do levantamento daquilo a que se poderá chamar «o limiar da ênfase». Equacionar de modo adequado esta questão envolve, como se vê, a definição de um termo de referência — uma «norma de banalidade», já implicitamente suscitada em algumas das afirmações produzidas acima — a partir do qual se possa avaliar a distância relativa das produções verbais sentidas como enfáticas. É conhecida a multiplicidade de variáveis que entram aqui em jogo, entre as quais se destacarão a pluralidade idiomática viva numa comunidade linguística, a diversidade de situações de comunicação e de finalidades que nelas persegue o locutor, a eventualidade da ocorrência de «banalização» de procedimentos em algum momento sentidos como expressivos... Como se poderá notar, o estabelecimento

de um ponto de referência «neutro» ou «não marcado» como base para a avaliação da ênfase conduz a um bom número de circularidades, das quais não é fácil sair.

A esta primeira dificuldade — que se desdobra em várias dimensões — para a configuração rigorosa da noção de ênfase outras se juntam, tendo a ver com a extrema variedade dos meios susceptíveis de levarem à saliência expressiva de um Enunciado. É que na ênfase desemboca a criatividade individual, que explora virtualidades em aberto da língua, multiplica os efeitos de sentido, convocando não raro (como se verá melhor adiante) áreas específicas do *saber cultural* partilhado pelos falantes para pôr em acção um diversificado jogo de associações, de cumplidades. Correm, pois, de modo paralelo às dificuldades sentidas para a caracterização rigorosa da ênfase as que respeitam à sistematização adequada dos meios da sua manifestação.

Prende-se, com certeza, às considerações antes desenvolvidas o facto de a ênfase ser tratada de modo claramente marginal na descrição-explicação das línguas naturais (LNs). No entanto, a razão de fundo do abandono, ou pelo menos da secundarização a que são votados os fenómenos enfáticos na reflexão sobre as LNs articula-se a um traço fundamental que vem marcando a Linguística: esta tem-se apresentado insistentemente como disciplina científica que se dá como objecto a(s) língua(s) tomada(s) como sistema formal configurado na base de fortes idealizações, que fazem perder de vista o seu funcionamento efectivo nas situações de comunicação; desse sistema formal interessa-lhe reter as grandes regularidades, na determinação das quais não cabe a consideração do quadro enunciativo criado no exercício, e em primeiro lugar o complexo de relações instituídas entre um EU e um TU, e entre estes e o enunciado que, em conjunto, constróem e em que se reflectem de múltiplos modos. Ora, relevando inequivocamente a ênfase da «subjectividade na linguagem», não pode uma estrita Linguística do Sistema constituir o espaço adequado para o seu enfoque. Observar-se-á que alguns momentos de abertura ao tratamento de certos (e sempre bem restritos) fenómenos enfáticos não contradizem o que se deixou afirmado. Penso, designadamente, na Gramática Gerativo-Transformacional que, como se sabe, por um lado, retém uma transformação de ênfase (voltada basicamente para o reforço fónico de algum dos constituintes da frase) e que,

por outro lado, pela via da consideração de fenómenos de topicalização, focalização, permuta e delecção, acede ao enfoque de alguns aspectos da ênfase. Reparar-se-á, no entanto, que não é propriamente a Ênfase que é objecto de análise, mas tão somente algumas das suas manifestações que se revelam «anexáveis» as grandes regularidades sintácticas (ou sintáctico-semânticas) de uma língua; esta não deixa de ser concebida como mero instrumento ao serviço de um sujeito idealizado, logo alheio ou neutro à dinâmica intersubjectiva instituída na actividade comunicativa.

Nestas circunstâncias, não é de estranhar que os fenómenos enfáticos sejam, tácita ou explicitamente, remetidos para outras disciplinas, e imediatamente para a Estilística ou para uma Linguística da fala (ou do desempenho). Esta última é sempre vista como secundária, derivada, e sobretudo como um algo longínquo e controverso projecto que desembocará (algum dia...) numa Linguística outra que a da competência (do falante-ouvinte idealizado). Quanto à Estilística, são conhecidas as hesitações e circularidades (pense-se, por exemplo, na questão do «desvio») em que não raro se consome, a multiplicidade das orientações que nela cabem — fruto, em grande parte, das dificuldades que sucessivamente vem experimentando em encontrar um objecto configurado de modo suficientemente nítido. Deixando de lado orientações que convergem ou têm afinidades próximas com a crítica literária, a semiótica, a poética..., observarei que os aspectos dos produtos verbais de que pretende ocupar-se uma Estilística transbordam necessariamente para o âmbito da semântica, da sintaxe, da semântica-sintaxe, da morfologia e fonologia: uma descrição-explicação suficientemente integrada das LNs absorvê-los-á por inteiro e de modo natural, vendo nas dimensões «estilísticas» dos produtos verbais traços da sua adequação às situações de comunicação.

Decorre do que se acabou de anotar que a ênfase parece não ter encontrado um espaço inequivocamente apropriado para o seu tratamento numa óptica especificamente linguística. Tal poderá traduzir uma visão dos fenómenos enfáticos como secundários em relação às grandes regularidades da configuração das LNs e do seu funcionamento (pese embora a sua insistente presença, mesmo nas produções verbais mais correntes), ou até a ideia de que tais fenómenos se apresentam como elementos perturbadores de um sistema linguístico, como se deste se pensasse que estaria orientado para «representar» (significar), mais do que para «exprimir».

2. Mais do que uma definição rigorosa e explícita que precise os termos genéricos em que aqui têm vindo a ser apresentados, os fenómenos enfáticos suscitam de imediato o levantamento de um quadro adequado, em que o seu tratamento se possa fazer de modo suficientemente integrado às grandes regularidades que informam um sistema linguístico, isto é, em inter-relação com outras dimensões da organização e funcionamento de uma língua.

A noção de ênfase de que se partiu, se bem que intuitiva, contém elementos que claramente apontam qual é esse quadro. Outro não pode ser senão o de uma Linguística da Enunciação, ou o de uma abordagem enunciativo-pragmática dos fenómenos verbais, que põe em relevo que a estruturação de uma língua e o seu funcionamento efectivo em discurso só podem ser devidamente perspectivados a partir da consideração das condições de enunciação, das coordenadas da comunicação. No seio destas avulta, como se sabe, a dinâmica intersubjectiva accionada no uso da língua, e à qual a organização desta última não pode ser alheia.

Os traços que desta dinâmica irrompem no discurso não podem ser tomados com algo de marginal, de secundário, de «acrescentados às regularidades de um sistema linguístico, antes terão que ser vistos como marcas de dimensões centrais da configuração desse mesmo sistema.

A ênfase é, visivelmente, uma destas dimensões dos produtos verbais ligadas ao dinamismo que percorre o quadro enunciativo, e, como tal, deve ser encarada em parte inteira na descrição-explicação das LNs. Integro-a, por isso, e na esteira de B. Pottier, na classe das *formulações*, tomadas estas como o conjunto «des caractérisations appliquées à un propos, dans le message»¹. De entre elas destacam-se a *formulação modal* e a *formulação locutiva*, directamente ligadas às coordenadas centrais da comunicação; é no seio da formulação modal que B. Pottier faz figurar a ênfase, que introduz sumariamente como «assertion renforcée portant sur un quelconque élément du message»². Ao reforçar um elemento da mensagem, o locutor *modaliza* o seu discurso, pelo qual não apenas significa mas também se significa, e onde, com ele próprio (considerado na sua mundividência, na vontade de informar-exprimir-apelar de que se

¹ POTTIER, B., *Linguistique Générale. Théorie et Description*, Paris, 1974, p. 324.

² *Idem, ibidem*, p. 323.

mostra animado) inscreve também o seu interlocutor, a imagem das relações que os interligam enquanto protagonistas do acto verbal, e a das circunstâncias em que este se desenvolve.

3. A ênfase tem uma incidência variável no Enunciado. Um dos termos sobre que pode aplicar-se é o segmento adjectival, quer se trate de adjectivação de uma base substantivai quer de uma base verbal quer, enfim, do Núcleo do Enunciado³.

Considerarei apenas a primeira, e dentro dela estritamente a que se realiza por functema adjectival por natureza (F_{NAT}), isto é, por adjectivo³.

Deixando de lado procedimentos ligados à exploração da matéria fónica do corpo do adjectivo (ou da sua representação gráfica, na escrita), e ainda efeitos obtidos por combinatórias que envolvam processos metassémicos, dir-se-á que a ênfase sobre um adjectivo se manifesta por duas vias fundamentais:

- (a) valorização por certas modalidades do que chamarei *quantificação indirecta* da propriedade por ele designada;
- (b) volarização por procedimentos articulados à escolha de esquemas sintagmáticos da sua actualização no Enunciado.

O estudo destes últimos abarcaria imediatamente os fenómenos de focalização e tematização, aplicáveis a adjectivo projectado no Enunciado como predicativo do sujeito ou predicativo do objecto, e ainda os de mera anteposição linear, aplicável a adjectivo actualizado quer como predicativo (do sujeito ou do objecto) quer como atributo (ou epíteto). Neste último caso, a análise confrontar-se-ia com a questão da anteposição do epíteto, que nem sempre ocasiona valorização do adjectivo⁴. A estes aspectos juntar-se-ia a consideração do adjectivo actualizado em construção apositiva: mesmo quando condicionada, esta obtém sempre para o adjectivo um claro relevo no Enunciado, relevo que pode ser ampliado por afastamento desse elemento da sua base de incidência⁵.

³ Ver POTTIER, B., *ob. cit.*

⁴ Ver FONSECA, Joaquim, *Elementos para o estudo da colocação do epíteto em português*, Coimbra, 1970.

⁵ Para a caracterização dos tipos básicos de construção em que se projecta o adjectivo incidente sobre uma base substantivai ver FONSECA,

Caberia também neste domínio a análise de *construções intensivas*, a que se prestam certos adjectivos cujo semema comporia traços avaliativos:

o pobre
o danado do homem o
reles
o simpático

(levar) uma triste de uma vida
o duro de um temporal como este

A ausência do determinante serve o tom marcadamente exclamativo de algumas destas construções intensivas:

danado de homem!
triste de vida!

Não é desta área de fenómenos enfáticos (agora referenciados de modo muito sumário) que aqui me ocuparei, se bem que alguns deles levantem questões interessantes. Pretendo antes debruçar-me exclusivamente sobre a valorização de adjectivo no seio do que chamei *quantificação indirecta* da propriedade por ele enunciada.

O tratamento destes últimos fenómenos enfáticos suscita algumas observações prévias sobre a própria noção de quantificação, e sobretudo exige que precise o que entendo por *quantificação indirecta*.

4.a. A quantificação implica que o designado pelo adjectivo sobre que se aplica caiba no domínio das *continuidades*. Só nestas circunstâncias a propriedade enunciada pelo adjectivo é *graduável*.

A aplicação de uma quantificação sobre um adjectivo que «por natureza» a não poderia receber indicia uma transferência no seio da categoria adjectival. Sirva de exemplo o chamado «adjectivo de

Joaquim, *Aspectos da sintaxe do adjectivo em português*: — comunicação apresentada ao XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, Rio de Janeiro, 1977.

relação»; a quantificação do que por ele é designado assinala a sua transposição a adjectivo qualificativo:

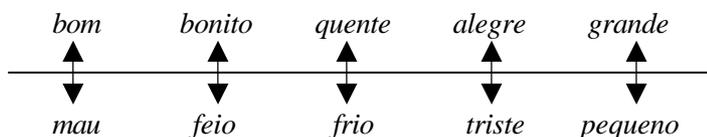
uma vila nortenha; uma vila muito nortenha
 uma bebida portuguesa; uma bebida

bem portuguesa
portuguesíssima

b. O adjectivo cujo designado seja quantificável traz sempre consigo, quando actualizado em discurso, a indicação da intensidade. Esta é sempre relativa, e estabelece-se tomando como norma:

- (i) uma escala de grandeza subjectiva, própria do sujeito enunciador; ou
- (ii) uma escala de grandeza estabilizada na comunidade para cada classe de «objectos»; ou
- (iii) uma escala de grandeza, igualmente estabilizada na comunidade, referida ao papel ou função de cariz marcadamente social que especificamente cabe a cada «objecto» ou classe de «objectos».

Dado que o semantismo do adjectivo graduável é, de um modo regular, marcado por traços de *polaridade*, estas escalas de grandeza estabelecem zonas de localização aproximada da intensidade da propriedade, que se escalonam até um ponto extremo. Numa representação gráfica, teríamos, por exemplo:



Sendo assim, todo o adjectivo cujo designado caiba no âmbito das *continuidades* surge actualizado como implicitamente graduado, instaurando, portanto, uma comparação implícita com outro termo justamente referida à escala de grandeza que se mostre relevante ⁶.

⁶ Isto mesmo se aplica também a outras categorias de palavras cujo significado comporta, como o adjectivo qualificativo, traços de *polaridade*. É o caso de advérbios (*muito, pouco, bem, mal...* e os que se constroem sobre

Cada língua dispõe de variados recursos para a expressão destes valores, que podem ainda ser matizados: adjuntos quantificadores, prefixos, sufixos ⁷, repetição do próprio adjectivo. Ao lado destes recursos, que se tomam como gramaticais ou gramaticalizados, outros estão disponíveis ou surgem da criatividade individual, distribuindo-se também por cada um daqueles pólos:

rosto	<i>sobre</i> <i>a pender para</i>	o redondo
-------	--	-----------

celeiro *o que se chama* farto

indivíduo doido	<i>por completo</i> <i>de todo</i>
-----------------	---

d. Através dos meios anotados na alínea anterior realiza-se o que aqui se chamará *quantificação directa* da intensidade da propriedade enunciada pelo adjectivo.

Pode, porém, a indicação dessa intensidade ser feita de modo indirecto (*quantificação indirecta*), através

- (a) de um confronto
 - (i) entre «objectos» diversos, a que é atribuída uma mesma propriedade;
 - (ii) entre uma dada propriedade e uma outra, das quais participa(m)
 - (α) «objectos» diversos;
 - (β) um mesmo «objecto»;
- (b) de uma correlação do tipo «causa-consequência».

⁷ Ver RIO-TORTO, Graça Maria, *Estruturas léxicas de intensificação no português contemporâneo* — comunicação apresentada ao Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no Mundo, Lisboa, 1983.

No caso (a), estabelece-se explicitamente uma *comparação*, em cuja configuração entram morfemas conhecidos (*tão... como; mais... que; menos... que*); no caso (b), correlacionam-se explicitamente dois Enunciados na base do laço referido. Tanto em (a) como em (b), a indicação da intensidade de uma propriedade é objectivada através da invocação de um termo de referência («objecto», propriedade, conteúdo de um Enunciado), que serve de «medida»: este é o traço característico da *quantificação indirecta*.

Exemplos triviais servirão de ilustração:

- (a)
 - (i) João é tão simpático como Pedro
 - (ii)
 - (α) João é tão simpático como Pedro é inteligente
 - (β) João é tão simpático como inteligente
- (b) João estava tão cansado que não conseguiu adormecer.

Outros tipos de confronto servem ainda à quantificação indirecta da propriedade enunciada por um adjetivo. Entre eles cabe o que instaura um processo comparativo no domínio do contrafactual:

João continuava tranquilo *como se* de nada soubesse.

De um modo geral, poder-se-á tomar como enfática a quantificação realizada por esta última via, e também a que se manifesta através do estabelecimento da correlação de tipo «causa-consequência». Uma selecção adequada das referências veiculadas no segundo termo do confronto permite ampliar a força expressiva. Ilustro com alguns exemplos, tirados de *O Malhadinhas* de Aquilino Ribeiro:

— «Dali em diante quem me conheceu e me via achava-me tão outro, como se o génio se me tivesse virado do avesso».

— «Os pinheiros tinham ar zaranga, malucos, como se fossem todos eles pinheiros que se levantam na nossa cabeça quando se está a delirar, nunca vistos ou sonhados».

— «E rodei, tonto de todo, tão tonto que se pudesse arrancar o coração e atirá-lo para cima dum telhado... fazia-o...».

— «...uma rapariga... com olhos castanhos, tão ternos, que apetecia ser fidalgo para sem vergonha lhos namorar...».

— «E eu tão ufano ia da sorte que até aos penedos redondos... depois de os reconhecer eu sentia ganas de salvar».

— «Em voz muito presa, tão presa que até a mim se me afigurou de moribundo...».

5. O processo comparativo banal do tipo acima ilustrado (em a) merecerá algumas considerações, a partir dos quais será, finalmente, possível caracterizar procedimentos de ênfase sobre adjetivo no âmbito da *quantificação indirecta* da propriedade por ele designada.

5.1. Tomando B como o termo base da comparação, R como o termo de referência chamado como «medida» da intensidade . de uma propriedade X, poder-se-á esquematizar o estabelecimento do processo comparativo banal:

igualdade
entre B e R : B *tão* X *como* R
B X
|-----|
R
|-----|

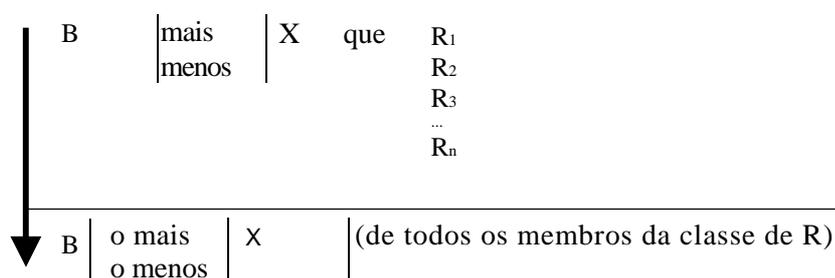
superioridade
de B sobre R : B *mais* X *que* R
B X
|-----|
R
|-----|

inferioridade
de B em relação a R : B *menos* X *que* R
B X
|-----|
R
|-----|

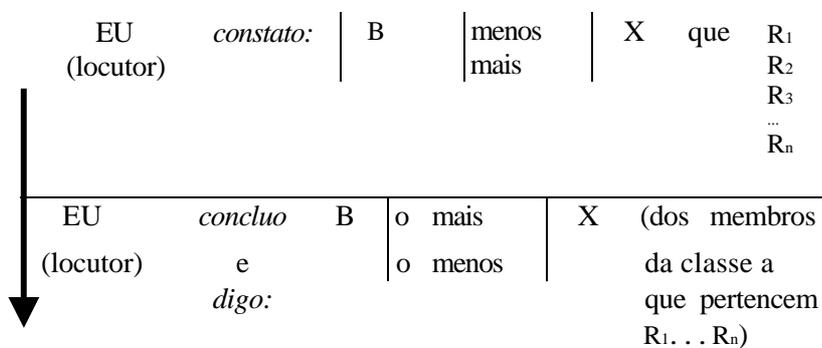
Torna-se evidente — mas convirá sublinhá-lo devidamente — que a objectivação, a medida, por este meio assinalada, da intensidade da propriedade X atribuída a B implica que seja conhecida dos falantes a intensidade que ela atinge em R. Mais exactamente, o locutor conhece essa intensidade e pressupõe-na conhecida por parte do interlocutor. Só nessa base o termo de referência (R) serve à indicação da intensidade que a propriedade atribuída a B comporta.

Quanto mais rigorosamente for conhecida a intensidade da referida propriedade em R tanto mais exactamente fica quantificada em B. Quando tal conhecimento não é disponível, a comparação apenas serve ao estabelecimento de um posicionamento relativo entre os termos em confronto.

Observe-se que o chamado «superlativo relativo» (de «superioridade» ou de «inferioridade») traz implícito este processo de comparação. Distinguir, no seio de um conjunto ou de uma classe de «objectos», um (ou mais que um) como portador(es) de uma dada qualificação, comum a todos, que nele(s) atinge intensidade não igualada nos restantes, envolve, na verdade, o mecanismo típico da comparação. Repare-se:



Esta representação assinala a presença do mecanismo comparativo, acrescido de um momento suplementar que se configura como *conclusão necessária*. Daí, esta outra representação, mais adequada:



5.2. Limitando-nos ainda, tal como no número precedente, à consideração do processo comparativo que estabelece uma «igual-

dade», verificamos que ele repousa sobre a congregação de dois Enunciados do tipo

- (i) B é X
- (ii) R é X

cujo conteúdo é posto em correlação centrada sobre X, de que B e R participam. Essa congregação conduz ao esquema

B é tão X como R é X

(A *economia* em discurso de «é X» do segmento introduzido pelo relator *como* é facilmente explicável, como se sabe).

Este esquema subjaz, porém, apenas ao tipo mais corrente de comparação banal — aquele em que «objectos» diversos comungam de uma mesma propriedade. No entanto, um alargamento deste esquema permitirá condensar numa fórmula de base todos os tipos de comparação ilustrados acima. Essa fórmula será a seguinte:

$$B \text{ é tão } X^1 \text{ como } \left\{ \begin{array}{l} R \text{ é } B \left\{ \begin{array}{l} X^1 \\ X^2 \end{array} \right. \\ B \text{ é } X^2 \end{array} \right.$$

Este esquema vale também para a comparação de superioridade e de inferioridade — e não apenas para a comparação de igualdade, de que se partiu. No entanto, pelo artificialismo que envolve, é (talvez) menos aceitável a realização de comparação de superioridade e de inferioridade que actualize a combinatória teórica, inscrita naquela fórmula,

$$B \text{ é } \text{---} X^1 \text{ ---} R \text{ é } X^2:$$

$$(?) \text{ João é } \left| \begin{array}{c} \text{mais} \\ \text{menos} \end{array} \right| \text{ simpático que Pedro é inteligente.}$$

Se aceitáveis, Enunciados deste tipo, pelo grau de elaboração que testemunha a mensagem neles veiculada, são inegavelmente pouco correntes.

6. As considerações desenvolvidas sobre a comparação banal permitirão já a abordagem do tipo de comparação enfática que se introduziu acima como comparação emblemática ou polar.

6.1. Como se pode notar pelos exemplos já avançados, a comparação emblemática converge formalmente com a que corresponde à fórmula mais corrente da comparação banal, isto é, apoia-se sobre o esquema geral

B é tão X^1 como R é X^1 .

Ficam, pois, excluídas as outras possibilidades enunciadas na fórmula mais ampla dada acima, e que se reproduz:

$$B \text{ é tão } X^1 \text{ como } \begin{cases} R \text{ é } \\ B \text{ é } X^2 \end{cases} \begin{cases} X^1 \\ X^2 \end{cases}$$

Este é já um traço limitativo do âmbito da comparação polar. Outros estão presentes, e são verdadeiramente caracterizadores desta comparação. Referi-los-ei de seguida (1-6).

1. O termo seleccionado para referência (R) designa regularmente um «objecto» que comporta, por *natureza* ou por *associação* viva e estabilizada na comunidade, certa ou certas propriedades reconhecida(s) como nele presente(s) — e só nele, ou em outros «objectos» da classe — *em grau extremamente elevado* ou *máximo* de intensidade. Trata-se, pois, de propriedade(s) *implícada(s)* no designado por R, quer por *inerência* quer por *associação* — de tal modo que a nomeação desse «objecto» traz consigo, necessariamente, a referência a essa(s) propriedade(s), dele característica(s) ou a ele articulada(s) de modo singular.

A utilização de um tal «objecto» como termo de referência (R) numa comparação serve de imediato — do mesmo modo que na comparação banal — como indicação ou medida da intensidade da propriedade endossada ao termo B. Ao mesmo tempo, porém, dado que essa propriedade atinge em R um grau de intensidade extremamente elevado ou máximo, este processo comparativo opera a transferência para o «comparado» (para o termo B) desse mesmo grau de intensidade. O efeito obtido é, necessariamente, o da valorização ou encarecimento da propriedade em B, que se eleva ao grau saliente tipicamente agregado a R.

A fórmula de base deste processo comparativo enfático converge formalmente, como se escreveu acima, com a que corresponde à comparação banal — mas dela diverge no que toca à intensidade de X que se intende atribuir a B, pois necessariamente se parte de uma intenção de superlativação: só esta legitima que se tome como R um «objecto» marcado por X em grau extremamente elevado ou máximo de intensidade.

Sendo assim, a fórmula da comparação emblemática assenta na congregação de dois Enunciados do tipo

- (i) B é *muito* X
- (ii) R é X *em grau extremamente elevado/máximo*.

Quer dizer: ao contrário do que se passa na comparação banal, que congrega dois Enunciados em que X não é marcado por quantificação superlativa (recorde-se que nela se articulam dois Enunciados do tipo: (i) B é X; R é X), na comparação emblemática a marcação de uma intensidade elevada é traço imprescindível tanto no Enunciado (i) como no Enunciado (ii).

Daí que o confronto estabelecido na congregação destes dois Enunciados permita ao locutor *fazer saber* ao interlocutor, à laia de *conclusão necessária*, a que este acede,

- (iii) (Portanto,) B é X *em grau extremamente elevado/máximo*.

Este mecanismo interpretativo pode ser visto como correspondendo, do lado do locutor, a um processo enunciativo que se formulará do seguinte modo:

- I EU *constato*: (i) B é *muito* X¹
 EU *sei* e
pressuponho
 que TU sabe: (ii) R é X¹ *em grande extremamente elevado/máximo*
-
- II Logo,
 EU *posso*
enunciar: (iii) B é tão X¹ como R é X¹
-
- para
fazer saber: (iv) B é X¹ *em grau extremamente elevado/máximo*

Este mecanismo está presente, visivelmente, nas comparações em análise. Basta retomar alguns exemplos inscritos no corpus dado acima:

B é tão *brilhante* como o *sol*

B é tão	<i>branco</i> <i>frio</i> <i>puro</i>	como a <i>neve</i>
---------	---	--------------------

Brilhante enuncia uma propriedade inerente, em grau de intensidade extremamente elevado, ao designado por *sol*, tal como o *são*, em relação à «neve», as propriedades veiculadas por *branco* e *frio*. *Puro*, por sua vez, designa uma propriedade implicada em *neve* por *associação*: o semema de *neve* comporta como *sema virtual* (*virtuema*) /*pureza*/ directamente articulado a /*brancura*/),

O traço analisado é verdadeiramente central na caracterização do processo comparativo em análise. É que este processo comparativo se orienta inequivocamente para a marcação do extremo da intensidade (ver, acima, a representação da *polaridade* do adjectivo) da propriedade nomeada em X para B (em sintonia com a intensidade exemplar/máxima que a mesma obtém em R), qualquer que seja a escala de grandeza relevante.

Nesta base se explica que não seja aceitável qualquer determinação que mitigue essa orientação, que é absoluta. Daí o não serem aceitáveis Enunciados do tipo

* B é	<i>um pouco</i> <i>um tanto</i>	mais X que R
-------	------------------------------------	--------------

Anotar-se-á que na comparação de superioridade (ver mais abaixo) é perfeitamente aceitável a amplificação de X com *muito* ou equivalente, pois que tal respeita (e, de resto, reforça) a orientação no sentido do extremo ou pólo máximo da intensidade:

B é *muito* mais X que R.

Determinações que não respeitem essa orientação são excluídas:

* B é	(um) pouco algo um tudo nada	X como R
-------	------------------------------------	----------

Importa salientar que estas matizações são claramente possíveis no processo comparativo banal.

2. Cruza-se com o traço que se acabou de apresentar um segundo, que tem a ver directamente com as escalas de grandeza a que acima fiz breve referência. (Ver 4.b.).

O efeito valorativo obtido, para a propriedade atribuída a B, a partir do confronto com R onde ela está presente em grau extremamente elevado/máximo, pode entender-se também (pelo menos em bom número de casos) como decorrente da transferência da escala de grandeza própria de R para o domínio de B, onde não é rigorosa e imediatamente legítima, porque a escala aplicável em R é nitidamente «superior». Desta não pertinência imediata em B da escala de grandeza própria do domínio de R deriva uma amplificação da propriedade quando endossada ao primeiro.

Bastará ilustrar com o exemplo trivial seguinte:

Pedro é (tão) alto como uma torre.

Justamente, a escala de grandeza aplicável, no concernente a «alturas», ao domínio de R («torre») não é literalmente pertinente no domínio de B. Com efeito, o valor médio de grandeza da «altura» de uma «torre» é sempre, objectivamente, superior ao valor de grandeza médio da mesma dimensão aplicada a «homem». Daí, claramente, o efeito amplificador.

Em boa verdade, no caso em análise, mais do que a noção de «intensidade de X em grau extremamente elevado/máximo», o que está directamente envolvido é uma transferência de escalas de grandeza. De qualquer modo, porém, o nível «superior» dessa escala no domínio de R serve, de modo suficiente, para, em confronto com outros domínios onde não é aplicável, marcar o mesmo traço de «grau saliente» da intensidade da propriedade em jogo.

3. Articula-se aos traços já analisados um outro, que surge também regularmente na comparação emblemática, a saber, o do carácter «*objectivamente falso*» da equivalência estabelecida, a propósito de X, entre B e R. O confronto entre B e R surge, assim, mais rigorosamente como o estabelecimento de uma *analogia*, mais ou menos longínqua, mas ao mesmo tempo suficientemente próxima para que seja captável pelos falantes. Essa proximidade radica no

facto de que B e R participam em comum de certos semas — rigorosamente, dos semas explicitados no próprio adjectivo sobre que se centra a correlação. (Ver adiante).

O carácter «objectivamente falso» da relação instituída entre B e R surge ampliado quando a propriedade atribuída ao primeiro é semanticamente incompatível com o segundo — incompatibilidade que é imediatamente referida à não participação em comum por parte de X e de R de *semas genéricos*. Em, por exemplo,

B é <i>surdo</i> como	uma <i>porta</i> uma <i>parede</i>
-----------------------	---------------------------------------

B é *magro* como um *palito*

os adjectivos seleccionam uma base de incidência afectada por / + *Animado*/, sema que não faz parte da configuração semântica de R. Não se deixará de observar que, comportando embora, como se viu, este processo comparativo uma analogia ou equivalência ou um movimento assimilativo ou aproximativo entre B e R, está interdita a explicitação dessa proximidade:

Pedro é	<i>quase</i> <i>mais ou menos</i> <i>aproximadamente</i>	tão alto como uma torre
---------	--	-------------------------

Repare-se que, na comparação banal, tal se revela possível:

Pedro é	<i>quase</i> <i>mais ou menos</i> <i>aproximadamente</i>	tão simpático como João
---------	--	-------------------------

Tal facto não significa mais que a confirmação de que, como se sublinhou acima (ver 6.1.1.), a comparação emblemática é marcada por uma orientação absoluta para assinalar em B o pólo máximo ou o extremo da intensidade da propriedade X. Essa orientação prevalece sobre o movimento aproximativo ou analógico entre B e R que, estando embora envolvido na configuração do processo comparativo, não constitui a resultante dele. Por isso, é com esta incompatível a noção de «aproximação» carreada pelos quantificadores

quase, mais ou menos, aproximadamente..., que justamente se agregam, explicitando-o, àquele movimento analógico ou aproximativo que, nos termos acima caracterizados, imediatamente percorre a comparação.

4. Por força do primeiro traço analisado (ver 1.), que verdadeiramente domina na comparação emblemática, a selecção do adjectivo a endossar a B é, em princípio, fortemente restringida.

Na verdade, a invocação de um dado termo como R torna grandemente previsível o adjectivo, efectivamente a seleccionar de entre uma gama restrita de possibilidades, já que se tratará de um adjectivo que nomeie uma propriedade *implícada* em R, onde surge tipicamente em grau de intensidade saliente. R funciona assim como *filtro* na selecção do adjectivo.

Do mesmo modo, a enunciação de um dado adjectivo convoca, neste quadro, uma gama estrita de termos possíveis como R — o que é uma formulação inversa da anterior, e envolve as razões invocadas.

Assim, no esquema

B é tão X como a neve,

X será necessariamente seleccionado de entre o conjunto restrito

<i>frio</i>	}	propriedades <i>inerentes</i> a R;
<i>branco</i>		
<i>puro</i>		

Uma outra variável intervém, no entanto, aqui, e restringe ainda as possibilidades de escolha do adjectivo: essa variável é, necessariamente, o termo B.

Comparem-se:

A chuva era tão fria como a neve

* A chuva era tão	branca		como a neve
	pura		

Os cabelos do ancião eram tão brancos como a neve

* Os cabelos do ancião eram tão

frios
puros

 como a neve

A forte interconexão semântica entre X e R conduz à possibilidade de *economia* do adjectivo; também o morfema da comparação (*tão... como*) pode ser apagado. Desenha-se, assim, um continuum de *integração* que se esquematizará como segue:

B é tão X como R	↑	-
B é X como R		
B é como R	↓	+
B é R		

A presença do adjectivo ocasiona, visivelmente, uma redundância, que pode ser tomada como dimensão da ênfase. No entanto, a sua *economia* surge como fonte mais activa de valorização, o que se deverá tanto à tensão que ocasiona a «descoberta», pelo receptor, da propriedade, como à concentração semântico-sintáctica, ou ainda (no caso de apagamento também do morfema *tão... como*) ao estabelecimento de *metáfora*. (Ver adiante).

Sendo assim, ao crescendo de *integração* corresponde um crescendo de ênfase:

a chuva era tão fria como a neve	↑	-
a chuva era fria como a neve		
a chuva era como (a) neve	↓	+
a chuva era neve		

Escreveu-se acima que a economia do adjectivo é, em princípio, amplamente possível. Ela supõe sempre que a propriedade sobre que se centra o confronto é facilmente «descoberta» pelo receptor, dada a forte interconexão semântica, já analisada, entre X e R. Referências (R) muito díspares podem, entretanto, ser chamadas neste tipo de processo comparativo, ligadas a associações subjectivas de vária ordem e abertas quase até ao infinito. Nestes casos, a tensão da «descoberta» da propriedade envolvida é, sem dúvida, maior; a tal corresponde um alargamento da ênfase, e uma ampla abertura a

evocações, sugestões, de todo o tipo. De qualquer forma, para que o processo comparativo resulte, exigir-se-á que o laço semântico que une X e R (e, logo, também B e R) se revele susceptível de ser captado.

Convirá ainda observar que a presença do adjectivo restringe fortemente o âmbito da correlação instituída, pois a «objectiva», a recorta com precisão. Nem sempre, porém, a língua oferece adjectivos que traduzam especificamente as dimensões sobre que se centra a correlação — e esta circunstância intervém também em casos de não explicitação da propriedade ou propriedades envolvidas no processo comparativo. Por outro lado, a propriedade ou propriedades sobre que assenta o confronto está (estão) não raro disponível(eis) a partir do contexto, tornando-se por isso redundante a sua explicitação no no seio do processo comparativo.

5. A comparação de inferioridade de B em relação a R surge regularmente como inaceitável (excepto, advirta-se, em contextos particulares, como os de ironia, jogo...); a comparação de superioridade é, porem, aceitável, e, mais que isso, reforça a ênfase já presente na mera comparação de igualdade. Confrontem-se:

B é tão branco como a neve
B é mais branco que a neve
* B é menos branco que a neve.

À luz das observações que têm vindo a ser feitas, compreende-se facilmente a inaceitabilidade da comparação de inferioridade neste domínio, e também o reforço que à ênfase traz a comparação de superioridade.

No que respeita ao último ponto, bastará considerar que a comparação de superioridade centrada sobre B marca naturalmente (mesmo na comparação banal) a vantagem deste termo sobre R; sendo este, na comparação emblemática, possuidor do grau máximo ou extremamente elevado da propriedade em torno da qual gira o confronto (ou sendo essa propriedade avaliada em «escala de grandeza» superior à que convém a B), torna-se óbvio que só por exagero se concebe que B supere R: daí o efeito amplificador da marcação da superioridade.

Isto mesmo nos leva a compreender também que a simples comparação de igualdade seja já bastante para enfatizar a propriedade

atribuída a B: estabelecer uma «igualdade» entre B e um termo R marcado por uma propriedade que só a ele convém em intensidade extremamente elevada/máxima, equivale necessariamente a endossar a B esse mesmo grau de intensidade. (Ver acima).

Quanto à comparação de inferioridade, a sua inaceitabilidade decorre imediatamente também do que ficou sublinhado: se R representa um grau extremamente elevado ou o grau máximo de X, que se atribui a B, marcar a inferioridade deste termo em relação a R é assinalar o óbvio, o já sabido — o que torna gratuito o confronto. Daí a sua exclusão.

A esta observação deve juntar-se uma outra, que enunciará talvez mais adequadamente a razão da inaceitabilidade da comparação de inferioridade neste domínio; mesmo na comparação banal, a marcação da inferioridade de B em relação a R corresponde a assinalar a superioridade de R; trata-se apenas de uma diferença de *visão* sobre que assenta o processo comparativo. Ora, na comparação enfática, a superioridade de R é um *dado* que se impõe e *que só pode ser invocado para superlativar uma propriedade em B*.

Importa, na verdade, sublinhar mais uma vez este traço central da comparação emblemática: ela é penetrada por uma orientação amplificadora que visa o pólo máximo ou o extremo da intensidade da propriedade X em B, orientação essa que encontra o limiar na igualdade, sendo incompatível com a inferioridade.

6. Tal como a comparação de inferioridade de B em relação a R, são também inaceitáveis (excepto em contextos particulares de ironia, jogo,..) as comparações de igualdade e de superioridade formuladas em Enunciado negativo:

* B não é	tão frio como a neve mais frio que a neve.
-----------	---

A razão deste facto é basicamente a já invocada para a inaceitabilidade da comparação de inferioridade: a negação da igualdade entre B e R ou a negação da superioridade de B em relação a R não podem valorizar B, antes necessariamente valorizam R; ora, dado que R é portador da propriedade X em grau extremamente elevado/

/máximo de intensidade, assinalar que B «não é tão X como R» ou que B «não é mais X que R» é, de novo, invocar gratuitamente R.

Curiosamente, já a comparação que marca a inferioridade de B em relação a R em Enunciado negativo é perfeitamente aceitável. Compreende-se que o seja, pois que indicar que B «não é menos X que R» equivale a aproximar B de R no que concerne a X — aproximação que configura, em rigor, o estabelecimento de uma «igualdade». Ora, já se viu que esta conduz, no domínio da comparação enfática, à valorização de B.

Reparar-se-á que, mesmo na comparação banal, o confronto entre B e R estabelecido em Enunciado negativo e sob a forma de comparação de inferioridade é de certo modo valorizador para B. Enunciar, por exemplo,

João não é menos inteligente que Pedro

é negar, contrariar, um explicitamente *posto* (no contexto) ou *pressuposto* «menos elevado grau de intensidade* da propriedade designada por *inteligente* em João, relativamente a Pedro. Da invalidação explícita desse *posto* ou desse *pressuposto* — que a opção do locutor pela construção utilizada implica — nasce, na verdade, um efeito valorizador da propriedade em B.

Quer isto dizer que, neste particular, alguma convergência se manifesta entre a comparação banal e a enfática. O traço diferenciador residirá em que, como já se viu, na comparação enfática a propriedade sobre que se centra o confronto é, por um lado, inerente ao ou implicada no designado por R, e, por outro, nele existente em grau de intensidade extremamente elevado ou máximo.

6.2. Lembremos a fórmula de base sobre que se apoia a comparação emblemática ou polar:

B é tão X^1 como R é X^1 . Como se

vê, ela envolve os seguintes elementos:

- (a) o termo B, base da comparação;
- (b) o termo R, cujo estatuto já foi devidamente caracterizado;
- (c) o adjectivo (X), que enuncia uma propriedade cujos traços já foram também devidamente apresentados;

- (d) o morfema (descontínuo) de comparação *tão... como*, que estabelece a correlação entre B e R centrada sobre a propriedade manifestada no adjectivo;
- (e) o elemento verbal SER, que articula à base substantivai a adjectivação.

Para além da redução corrente da fórmula apresentada por *economia* de «é X¹» no segmento introduzido pelo relator *como*, convirá anotar que as realizações discursivas desta fórmula genérica são muito diversas. Algumas dessas realizações, como se verá, apresentam-se como bastante distantes da fórmula dada, mas a ela se ligam, sem dúvida.

1. A partir do esquema

B SER tão X como R

pode desenvolver-se, através da eliminação de alguns elementos —ou mesmo de todos, com excepção de R — um crescendo de *integração*, já acima referido (embora parcialmente). Repare-se;

- (i) B SER tão X como R
- (ii) B SER X como R
- (iii) B SER como R
- (iv) B SER R
- (v) R

Preenchendo as variáveis B, X e R com designações triviais, teremos:

- (i) este rapaz é tão valente como um leão
- (ii) este rapaz é valente como um leão ⁸
- (iii) este rapaz é como um leão
- (iv) este rapaz é um leão
- (v) este leão...

Os esquemas (i), (ii) e (iii) situam-se no domínio da comparação; (iv) configura a correntemente chamada metáfora *in praesentia*;

⁸ Uma variante possível é: (ii') este rapaz é valente que nem um leão. Ver ainda, mais abaixo, 7.1.3.

(v), finalmente, recorta a também correntemente chamada metáfora *in absentia*.

Atentar-se-á em que (iv) estabelece um *Equativo*; os traços caracterizadores da comparação emblemática antes analisados (em particular os que marcam a especificidade do estatuto de R) fazem-nos presente a noção de que este Equativo estabelece uma mera *analogia* (ligada ao carácter «objectivamente falso» da conexão que aproxima B de R — ver acima), que impõe uma «leitura selectiva» de R; ou seja, no quadro em que nos movimentamos, estabelecer

B SER R

envolve «suspender» em R alguns dos seus semas, e «seleccionar» nele algum ou alguns outros, na base dos quais se origina um *movimento de aproximação* entre B e R (B → R) que não chega nunca a uma identificação «objectivamente verdadeira», pois se situa sempre na esfera do «como», do «como que» ou «como se». Não se dilui, pois, em (iv) o que explicitamente se marca em (iii), (ii) e (i). A solução (v), em que todos os elementos da fórmula de base são eliminados, à excepção de R (que «substitui» o termo B), representa o ponto terminal do movimento de aproximação de B a R, e remete para as fases precedentes que acima se estabeleceram.

2. Uma selecção apropriada do elemento verbal articulador dos termos em confronto marcará a relação que os liga (e todo o processo comparativo)

a. como *estativa*:

B	<i>ser</i>	tão X como R
	<i>estar</i>	X como R
	<i>parecer</i>	como R
	<i>permanecer</i>	R

b. como *evolutiva-resultativa*:

B	<i>tornar-se</i>	tão X como R
	<i>fazer-se</i>	X como R
	<i>pôr-se</i>	como R
	<i>ficar</i>	R

c. como *factitiva*:

A pôr B	tão X como R X como R como R R
---------	---

A pôr B	tão X como R X como R
---------	--------------------------

A *fazer de* B R

Como se verifica, a visão *factitiva* envolve um actante ergativo e configura uma predicação do objecto.

3. Ao nível da solução (iii), que marca explicitamente a analogia sobre que repousa a aproximação de B em relação a R, múltiplas formas de expressão são possíveis, e entre elas, as seguintes (para além das já indicadas):

B *parecer* R
B *parecer-se* com R
B *recordar* R
B *fazer pensar* em R
B *ter algo de* R

Uma solução mais distante é a que se projecta em

haver muito de R em B.

Qualquer das soluções apresentadas põe em jogo os mecanismos interpretativos já caracterizados, e remete para os esquemas acima introduzidos.

6.3. Na fórmula de base de que se partiu, o adjectivo surge como predicativo do sujeito.

Desnecessário será, porém, anotar que a ênfase em análise pode aplicar-se também sobre adjectivo actualizado em construção predicativa do objecto (como, de resto, já se averbou no número anterior, alínea c), em construção atributiva e em construção apositiva.

Nesta última, cumula-se com a ênfase obtida pelo processo comparativo uma outra dimensão valorizadora, a saber, o destaque que o aposto obtém através do seu isolamento em relação à base de incidência (isolamento realizado, como se sabe, por zero fónico). Eventuais deslocamentos do complexo apositivo no seio do Enunciado ampliam ainda a ênfase:

Branco como a cal, o réu apresentou-se ao juiz
O réu, branco como a cal, apresentou-se ao juiz
O réu apresentou-se ao juiz, branco como a cal.

Actualizado como predicativo do sujeito ou do objecto, o adjectivo enfatizado através do processo comparativo que nos ocupa pode ainda ser reforçado por focalização e por tematização:

Foi branco como a cal que o réu se apresentou ao juiz
Branco como a cal, eis como o réu se apresentou ao juiz.

A anteposição linear à base de incidência (o termo B) é regularmente pouco viável na predicação do objecto, e inaceitável na atribuição (epitetização). Já na predicação do sujeito tal anteposição é possível, e reforça a ênfase inicial:

Branco como a cal estava o réu ao apresentar-se ao juiz.

6.4. À fórmula de base do processo comparativo emblemático (B é tão X como R), pretendo ainda articular duas outras soluções formais, que se caracterizam pela economia de todos os termos à excepção de B e R, agora ligados não por elemento verbal mas pelo relator *de*. Essas soluções manifestam-se segundo dois modelos correntes, que ilustrarei brevemente.

a. *B de R*:

palavras de mel
porte de rainha
voz de trovão

...

No Sintagma Nominal introduzido pelo relator *de* (que em bloco funciona como functema adjectival por transferência: FA_{TR}), *mel*, *rainha*, *trovão* são, na verdade, termos de referência (R) de um processo comparativo subjacente, que se poderá desdobrar nos termos conhecidos dos números anteriores:

B palavras	X doces	como	R o mel
porte	garboso altivo imponente	como	o de uma rainha
voz	forte sonora ...	como	um trovão

b. R de B:

o mel das suas
a noite do fascismo
o fogo da paixão

Também aqui se poderá desdobrar cada uma das expressões nos termos envolvidos na comparação:

B palavras	X doces	como	R o mel
fascismo	tenebroso escuro	como	a noite
paixão	ardente	como	o fogo

Anotar-se-á que não se pretende com estas observações — do mesmo modo que com as referências atrás formuladas a propósito de soluções formais que se designaram de metáfora *in praesentia* e metáfora *in absentia* — oferecer o quadro da comparação enfática

como definitivamente explicativo da metáfora, que se confundiria ou convergiria com uma «comparação reduzida» ou «concentrada». (Na aproximação habitualmente tentada entre comparação e metáfora, esquece-se muitas vezes que não se trata de uma qualquer comparação, antes de uma comparação enfática, próxima da ou convergente com a que acima ficou caracterizado). O problema da metáfora é, com certeza, bem mais complexo e mais amplo. No entanto, algumas das observações anotadas, algumas das constantes levantadas não serão de somenos interesse e pertinência na sua análise.

7. No espaço restrito das suas cento e cinquenta páginas (tantas são as que ocupa nas *Obras Completas*, editadas pela Livraria Bertrand), *O Malhadinhas* de Aquilino Ribeiro é abundante em formulações enfáticas. Entre elas contam-se as que se manifestam ao nível da adjectivação (tendo por base quer um substantivo quer um verbo quer o Núcleo do Enunciado), fazendo uso do processo comparativo nas diferentes soluções formais acima discriminadas, do estabelecimento de correlações do tipo «causa-consequência» e ainda de confrontos em que o segundo termo se inscreve no domínio do contrafactual⁹.

7.1. Cingindo-nos exclusivamente à comparação enfática centrada sobre adjectivo que se aplica a uma base substantivai é possível destacar, sumariamente, algumas constantes evidentes do uso que dela faz Aquilino Ribeiro em *O Malhadinhas*.

1. Num conjunto de setenta comparações emblemáticas referenciadas (número que, observe-se, não representa um levantamento exaustivo), em que o adjectivo está explicitamente presente, há uma clara vantagem para a comparação de superioridade. (Apenas vinte e quatro das comparações estabelecem uma «igualdade»). Ilustro com alguns casos.

⁹ Destes dois últimos aspectos deram-se já acima (ver 4.d.) exemplos extraídos justamente de *O Malhadinhas*, exemplos que poderia multiplicar, pois que tais procedimentos enfáticos têm uma ocorrência muito elevada naquele romance de Aquilino Ribeiro.

a. *Comparação de igualdade:*

- «Ele mudo e quedo como um penedo».
- «Mas, diante dos olhos, os flocos faiscavam e batiam-nos nas ventas rijos como areia».
- «...já... era dono dum machito, ..., de jarretes rijos como o aço...».
- «...e estava branca como a cera».
- «A noite está escura como breu...».
- «Não há trabalho sem trabalhos, é tão certo como uma Escritura...».
- «Dianho da pequena, era leve como uma andorinha...».
- «A pensar em Brízida, a minha Brízida cruel, olhos travessos como bogas no rio... mas tez branca de neve...».
- «trutas finas e taludas como bacalhaus, bogas e bordalos gordos como lontros».
- «...à borda das orelhas pequeninas e carnudas como cascas de noz».
- «Uma boquinha bem feita, dessas que são vermelhas, carnudas e arredondadas como as cerejas...».

b. *Comparação de superioridade:*

- «Dorido, envergonhado, mais amarelo que a cera...».
- «Caía neve, uma nevascas, Deus nos acuda, tão baça e emaçarocada que o céu era mais tapado que um capuz...».
- «O Santo apontou a criançada, mais basta que as areias do mar...».
- «Ela respondia-me da cama, mais repenicada que uma franga...».
- «Aquilo é mais sã que um pêro...».
- «A mulher era fêmea de alto lá com ela, sempre mais frescal que alface...».
- «...vou dar com a pobre, mais mirradinha que as palhas...».
- «Mas dentro de mini sentia os espíritos mais inflamáveis que pólvora...».

- «(Eu)... mais veloz que o raio...».
- «Dei-lhe salto à garganta mais ligeiro que uma onça...».
- «Assim que vi a inocente a dormir mais quietinha que um anjo...».
- «Fora do povo pareceu-me a noite ainda mais negra, o céu mal esclarecido pelos fogachos da Estrada de Santiago e por um minguate estreito e mais vermelho que foice enferrujada».
- «Mas tocaste-lhe com a naifa! Ela está ali, de ponta e mola, mais afiada que uma navalha de barba...».

2. O termo de referência (R) surge, em elevado número de casos, acompanhado de determinações particulares; estas, quase sempre, servem para precisar ou ampliar certos traços desse elemento, sobre os quais se configura mais exactamente a «medida* da quantificação (indirecta) que se atribui à propriedade em jogo no confronto. Vejamos alguns exemplos, de entre os mais sugestivos:

- «Não era fácil, trazendo-os [os olhos] eu tão abertos como gato que anda à caça».
- «Oh! apanhas com o não mais redondo que um coice de macho se o coçares abaixo da rabadilha».
- «Tinha o Demónio a chocalhar-me nos miolos, mais quentes que as papas quando fervem na caçoila...».
- «E eu, muito contente, estava em notar a uns chochos de todo, a outros mais pesadões e lorpos que patos na engorda».
- «De hoje em diante eu te prometo trazê-lo amordaçado, mais amordaçado que um cão vezeiro no moder».
- «Quando estas falas ouviu, o padre rompeu para mim, mais branco que a neve antes de derreter».
- «Vi-o primeiro quedar-se de boca aberta, depois fazer-se verde como as azeitonas antes de começarem a pintar».
- «...fossem elas [as espanholas e as francesas] bem embora mais feras que as cabras do nosso monte e mais cobiçadas que a fruta quando se tem sede».
- «Nisso a minha folha de Albacete [a faca] era escrupulosa como a espada do capitão-mor de Pêra e Peva, que, dizia o Mestrinho de Tabosa, nunca saía da bainha sem causa nem entrava na bainha sem honra».

- «E ia, abalava dali a rilhar os dentes, mais raivoso que o Porco-Sujo quando deu trambolhão do Paraíso».
- À minha mão direita estava Rita, mais trémula e inquieta que o vero Anjo da Guarda quando o Diabo nos chuça».
- «A rédea arrepanhada para a palma da mão, a alma a cantar uma aleluia mais alta que a dos padres no sábado da Ressurreição com o foliar à entrada da barra...».
- «A quinta [das sete maravilhas da nossa terra] são as trutas desse pego [o pego da Ponte das Tábuas] que são maiores do que as galgas do Padre Farrusquinho, que até de boca fechada mentia».
- «...haja em vista o colete do brutamontes de Santa Eulália que ficou varridinho como eira ao fim das debulhas».
- «Nas suas reviravoltas e sarabandas era mais endemoninhado que os borburinhos que se levantam, quando mal se pensa, de uma eira, e põem palha, grão, paraganal numa polvorosas».
- «Acabou-se, é sabido mordomos e penitentes na quadra das arcas cheias serem tão bastos pelas portas como as moscas na tenda ali do Penetra».
- «...e ele [o padre] tinha aquilo [o sermão] mais batido e rebatido do que anda o burel no traseiro ali do Bisagra, que não pode estar um momento sem que se açaape por terra, se não pilha banco, no chão e até na ponta dum chavelho».

3. Um reforço da ênfase inicial comportada pelo processo comparativo em análise é obtido através da marcação de uma intensidade à propriedade que «*nem*» o próprio termo de referência (R) a contém; trata-se de uma valorização da propriedade mais acentuada que aquela que a própria comparação de superioridade possibilita; R é ao mesmo tempo invocado e «excluído»: o reforço da superlativação é manifesto. Eis alguns exemplos:

- «Bem comido, bem bebido, mais fresco *nem* o nosso abade!».
- «Sete maravilhas, sim, senhores, e eu digo quais são. A primeira é a armadura do Bisagra; mais frondosa *nem* a cabeça do cervo-real».

- « — Nunca te julguei tão desumano...
- Outros o são mais do que eu.
- Quem? Nem os matadores dos caminhos...».
- «A estas horas hão-de custar a reconhecer, estorrícadinhos que nem torresmos!».
- «Leve e então com uma *ária*, uma graça, pai do céu, que nem fidalga escondida nos trajos de camponesa!...».
- «...o Bisagra era senhor duma destas galhaduras... Mais abundante nem paliteiro com os palitos, e assim falada nem a porca de Murça».
- «À ilharga, mais mansa e mais humilde, nem a minha sombra».

4. O termo de referência (R) é, algumas vezes, todo um Enunciado, cujo conteúdo é situado no domínio do contrafactual:

- «...fui-me aos odres, e sopra que sopra, pu-los mais redondos com vento do que se viessem a estalar com fazenda».
- «Não custou muito tê-la queda, pouco menos queda do que se jazesse entre as mãos da Ana Malaia que era quem amortilhava os defuntos».

7.2. Viu-se acima (6.2.; 6.3. e 6.4.) que a fórmula de base da comparação emblemática se actualiza em variadas soluções formais, por economia de algum ou alguns dos seus termos e/ou pela sua reordenação.

Em *O Malhadinhas* encontramos todos os tipos de soluções averbadas naqueles números, e ainda alguns outros.

Dão-se de seguida alguns exemplos; neles os traços sobre que se centra a correlação estão explicitados no contexto imediato ou mediato, ou são facilmente inferidos a partir do conhecimento do mundo partilhado por locutor e interlocutor.

- a. Em grande número de casos a correlação entre B e R é estabelecida através do verbo *parecer*:

- «...junto ao roxo das veias das fontes, que pareciam sanguessugas ao que estavam de inchadas».

- «Já os olhos de Rita se alegravam e me pareciam estorninhos a saltaricar num jardim».
 - «Ó Malhadas, pareces o Santo padre Abraão!».
 - «O sermãozinho na boca dele [o nosso abade] parecia a água na bica da fonte: *Era sina na sola e na lua e nas leias* e já estava na *ave-maria gracia plena* e bota para cá uma libra que por aqui me vou».
- b. O movimento de aproximação de B a R (B -> R) é, também em número elevado de casos, assinalado por *ser como*, *lembrar*, *dar ideia de*:
- «Estava uma manhã muito clara, destas manhãs de Outono em que o sol é como boi-touro, mal castigado da agulhada».
 - «O mundo era como Lázaro ao atirar com a mortalha aos quintos».
 - «...o Bernardo cobrou alento, e o pau dele, por cima das cabeças, era como mangual numa eira».
 - «O monte lembrava um lençol esburacado».
 - «...não tardou que o templo com o alarido, os choros, a fungadela das beatas lembrasse uma caravela que vai ao fundo».
 - «...já ia alta a Lua, uma Lua que o mais do tempo se não via e, quando se via, lembrava uma candeia de azeite a alumiar um casarão desamparado».
 - «Tocava-as [as nuvens] um ventinho repontão, e davam ideia de belros de ovelha carmeados, antes de enfardar».
- c. Uma *visão resultativa e factitiva* do laço entre B e R está também presente:
- «Entrementes, os filhos governavam a casa, dirigidos pela mãe que sairá um rei de armas...».
 - «Silêncio e neve! Silêncio e neve, de mãos dadas, a fazer do mundo um mausoléu...».
- d. Outras vezes, a analogia entre B e R é explicitamente estabelecida pelo verbo *comparar*:

— «E, maneira de desforço, fui chasqueando nesta voz pausada que Deus me deu, pela qual alguns mequetrefes, nas minhas costas, me comparam a bezerrinha mansa que em toda a vaca mama...».

A correlação assenta aqui imediatamente no traço enunciado em «pausadas (atribuído a «voz»), mas envolve outros elementos caracterizadores do Malhadas, já disponíveis, que legitimam o sugestivo «que em toda a vaca mama».

— «Amor por uma fêmea, isso que ouvi a um senhor padre comparar a uma febre palustre...».

O traço que permite aproximar B de R é, visivelmente, o «ardor» da paixão.

e. Não faltam também as soluções formais do tipo

B é R
R
B de R
R de B

— «Qual quê, o António é uma fera...».

— «...um pensamento se gerou no meu seio, onde... nunca mais deixou de ser lacrau a ferrar».

— «Adiantei-me eu a fazer face à serpente com as manhas que me ensinou o Padre José Farrusquinho...» («a serpente» é, aqui, «a mulher do Duarte», devidamente caracterizada no contexto imediatamente precedente).

- -«Que há? Que há? — bramou por duas vezes com a sua voz de trovão».

— «.. .aquelas palavras de mel, aquelas olhadas de pomba...».

— «Quando por aqui me vêm abordado a este pauzinho de marmeleiro... quando por aqui me vêm de taverna em taverna a matar o bicho ou com ares de andar à sirga, é a safar-me do vespeiro das saudades...».

— «Luziam-lhe [ao lobo] as duas lanternas dos olhos...».

7.3. Os termos de referência (R) utilizados distribuem-se por áreas léxico-semânticas relativamente bem definidas, recobrando domínios tais como o dos elementos e fenómenos naturais, da fauna e flora, da realidade social e religiosa. Muitos deles integram expressões cristalizadas, mas outros surgem da criatividade do Autor e remetem para o habitat em que a narrativa situa os eventos e as personagens. Estas mesmas, e os espaços em que se movimentam, são não raro também utilizados como termos de referência. A sua invocação serve muitas vezes ao tom de 'coloquialidade' que marca toda a narração, posta na boca do Malhadas.

São muito raros os termos de referência de índole abstracta. A grande maioria remete para o mundo concreto (animado e inanimado). Muitas das referências que cabem no domínio do social, do sócio-religioso e do religioso são utilizadas de modo irónico, ou mesmo sarcástico:

- «...buzinou-me aos ouvidos um vozeirão terrível como dizem que há-de ser a trombeta do Vale de Josafat...».
- «A quinta [das sete maravilhas da nossa terra] são as trutas desse pego [o pego da Ponte das Tábuas] que são maiores do que as galgas do Padre Farrusquinho, que até de boca fechada mentia».
- «Adiantei-me eu a fazer face à serpente com as manhas que me ensinou o Padre José Farrusquinho...».
- «...a alma a cantar uma aleluia mais alta que a dos padres no sábado da Ressurreição com o foliar à entrada da barra...».
- «Bem comido, bem bebido, mais fresco nem o nosso abade!».

Porque remetem com muita frequência, como acima se escreveu, para a realidade social, geográfica, física, em que os eventos e as personagens de *O Malhadinhas* se enquadram, os termos seleccionados para o confronto enfático (ou que a este se ligam, mais ou menos directamente, de acordo com os esquemas propostos) devem tomar-se como dimensão da feição «regionalista» deste romance de Aquilino Ribeiro.

8. No conjunto dos exemplos apresentados, torna-se visível que o sistema de referências (R) utilizadas faz alusão a um *fundo*

cultural disponível nas comunidades, do qual também são parte integrante vivências e associações ligadas ao «conhecimento das coisas». Levantar o sistema de referências utilizado na comparação emblemática (e em construções que nela enraízam ou que para ela remetem) é, certamente, desenhar a imagem das comunidades, pois que por essas referências se acede a dimensões desse saber cultural, não raro cristalizado em expressões fixas.

No texto literário, muitas dessas expressões correntes são retomadas, mas a elas se juntam outras, fruto da criatividade do Autor. O estudo do texto literário pode, neste domínio, trazer dados interessantes, revelando factores diversos que intervêm na selecção de termos de referência (R), a atitude que perante eles assume o escritor (que a eles pode aderir, ou deles se distanciar através da ironia, do gozo, do sarcasmo mesmo), o uso que deles faz (para a recriação de ambientes, caracterização de personagens). Intervêm também aqui problemas ligados a padrões de ordem estética, típicos de determinadas épocas ou ambientes sócio-culturais. A sua análise toca o domínio que se dá como objecto a *Emblemática*.

Como, julgo, se mostrou, o tratamento adequado dos processos comparativos analisados exige que se tome em consideração o quadro enunciativo em que são actualizados: eles envolvem mecanismos enunciativos e interpretativos específicos (que acima se tentou caracterizar), correlacionam-se com a imagem que o locutor pretende dar de si, com a que pressupõe dele fazer o alocutário, com a que deste detém (no que tange quer ao saber linguístico quer ao saber cultural em geral), com o tópico do discurso.

Em suma, a comparação emblemática e estruturas que, nos termos propostos neste estudo, lhe são aparentadas inscrevem inequivocamente a *interlocução* no discurso, que, por essa via também dá testemunho marcado do locutor mas não menos do alocutário — esse Outro que não só não está de fora, mas também não está ausente da produção discursiva nem muito menos a ela é alheio, antes *com o qual* (sempre, e algumas vezes tanto ou talvez mesmo mais que para o qual) o locutor enuncia.

Joaquim Fonseca

Porto, Maio de 1985